

A ENCRUZILHADA DA EPISTEMOLOGIA: APROXIMAÇÕES ENTRE BACHELARD, LATOUR E HACKING

LE CARREFOUR DE L'ÉPISTÉMOLOGIE: APPROCHES ENTRE BACHELARD, LATOUR ET HACKING

*Gabriel Rocha Kafure*¹

Resumo: A presente comunicação pretende fazer uma análise da interface entre as leituras de Hacking sobre uma possível relação de continuidade ou ruptura entre e com Latour e Bachelard. Desse modo, é através do conceito de epistemologia que pretendemos entender o racionalismo regional na construção da objetividade científica, partindo de uma suposta subjetividade que pode se reter na perspectiva epistemológica. Com isso, pretendemos elaborar o experimento de pensamento proposto de Latour de colocar o conhecimento em laboratório antropológico das ciências em contraposição à metaepistemologia proposta por Ian Hacking. Assim, tal experimento pretende nos colocar em uma encruzilhada conceitual da ontologia histórica e, com isso, entender talvez quais as saídas possíveis que o bachelardismo pode manter nas questões propostas.

Palavras-chave: Relativismo. Nominalismo. Metaepistemologia.

Résumé: Cet article se propose d'analyser l'interface entre les lectures de Hacking sur une éventuelle relation de continuité ou de rupture avec Latour et Bachelard. C'est donc à travers le concept d'épistémologie que nous entendons comprendre le rationalisme régional dans la construction de l'objectivité scientifique partant d'une supposée subjectivité que l'on peut retenir dans la perspective épistémologique. Avec cela, nous avons l'intention d'élaborer l'expérience de pensée proposée par Latour pour mettre les connaissances en laboratoire anthropologique des sciences en opposition avec la métaépistémologie proposée par Ian Hacking. Ainsi, cette expérience a pour but de nous placer à un carrefour conceptuel de l'ontologie historique et, par là même, de comprendre peut-être quelles sont les sorties possibles du bachelardisme gardée dans les questions proposées.

Mots clés: Relativisme. Nominalisme. Métaépistémologie.

¹ Doutorando em Filosofia pelo PPGFIL UFRN. Professor de Filosofia e Ética no Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IF Sertão - PE). E-mail: gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br. Atualmente se dedica ao estudo da metafísica e epistemologia em Gaston Bachelard, autor de livros como "A ética da liberdade em Kierkegaard" Editora Fi, "Filografias" pela Novas Edições Acadêmicas e "Sertão Filosófico: O Sertão vai vir-à-amar" pela Editora livro rápido.

Considerações Iniciais

Gaston Bachelard no livro *O novo espírito científico* estabelece que a originalidade do pensamento científico deve prosseguir do “não” que não é um anti perante ideias precedentes da tradição filosófica, mas sim uma simultaneidade negativa com tudo aquilo que nos precede. Digo negativa, pois na sua ultrapassagem retificadora que retroalimenta a tensão entre os movimentos do saber e que desenha os seus princípios no seu fim, é, em outras palavras, uma encruzilhada da razão como sendo a própria ciência. Desse modo, de uma maneira curiosamente paradoxal, pretendemos afirmar o nosso “não” num bachelardismo a partir de leituras sucessoras e contemporâneas do papel epistemológico que vem contrariar ou não esse filósofo que teve um importante papel na história da filosofia das ciências francesa.

Ao tomar Bachelard como ponto de partida da presente reflexão, nada melhor do que ele mesmo caracterizar o intento da nossa proposta:

Na encruzilhada dos caminhos [é] que o epistemólogo deve colocar-se: entre o realismo e o racionalismo. É aí que ele pode apreender o novo dinamismo dessas filosofias contrárias, o duplo movimento pelo qual a ciência simplifica o real e complica a razão. Fica então mais curto o caminho que vai da realidade explicada ao pensamento aplicado. É nesse curto trajeto que se deve desenvolver toda a pedagogia da prova. (BACHELARD, 1978, p. 95)

A filosofia de Bachelard, tem como proposta principalmente se afirmar como um quase realismo, de modo que ele entende que toda a teoria científica está baseada nas perspectivas metafísicas entre o racionalismo e o realismo. Contudo, tentaremos a seguir, empreender um embate bachelardiano com uma concepção epistemológica do ramo denominado nominalismo dinâmico. Para Bachelard, tal embate tem uma fundamentação metafísica antiga na qual há uma encruzilhada menor, “um pretexto para polêmicas entre realistas e nominalistas. [É o de] Quem condena demasiado rápido o realismo matemático está seduzido pela magnífica extensão da epistemologia formal, isto é, por uma espécie de funcionamento das noções matemáticas no vazio.” (BACHELARD, 1978, p. 92).

Bachelard esteve convencido de que sua teoria epistemológica consiste num quase realismo ou também um chamado kantismo de segunda posição, em que a matemática é o *noumeno* que permite que as práticas teóricas deem ao sujeito o

conceito de realidade. A concepção de objeto é a unidade sintética das aparências, e o conceito de objeto não se dá empiricamente, mas sim como produto de estruturas, normas, padrões epistemológicos de valores da observação e da objetividade. Nesse sentido, “Bachelard distingue três dimensões nos padrões da objetividade operativa da ciência contemporânea. Elas precisam funcionar com a racionalidade objetiva, a objetividade técnica e a objetividade social.” (TILES, 2006, p. 18).

O conhecimento científico, e conseqüentemente epistemológico, contudo, é um jogo intuitivo entre o experimental (subjetivo) e a racionalidade discursiva (objetividade), posto que não existe objetividade pura, nesse jogo, o papel fundamental do sujeito-objeto é a sua mediação relacional, ou seja, eles estão numa construção mútua. É por isso que pretendemos aqui entender que o contexto subjetivo perfaz uma educação político-científica na medida em que a filosofia das ciências se põe imersa num campo não neutro e que se influencia por uma realidade pós-capitalista que precisa ser questionada cientificamente e é nisso que a objetividade social entra como escopo para a interpretação de Bruno Latour sobre Bachelard.

Segundo Latour, há uma distinção entre as ciências ditas *Hard* e *Soft*, para ele, é preciso ultrapassar a prática científica dos relatórios (*Soft*) e adentrar na perspectiva antropológica de pesquisas de campo (*Hard*) em que o conceito de ruptura emerge no sentido de estabelecer fronteiras com a história, a filosofia e as ciências. Nesse sentido, questões como relativismo, indeterminismo e mesmo irracionalismo são abordadas nessa interface no intuito de uma visão tecnocientífica da educação enquanto complexidade. Ou seja, Latour constrói uma teoria na qual a tecnociência leva a um parlamento das coisas como uma tendência a entender a ciência na tradução de interesses que acabam imperando sobre o próprio racionalismo.

Tal concepção parece discordar da noção de racionalismo aplicado que Bachelard tanto enfatizou na sua obra na qual as rupturas não eliminam a simultaneidade da problemática realismo-racionalismo. Diante de tal construção, Latour e mais adiante Hacking parecem tentar equilibrar a ideia de que uma metaepistemologia pode jogar com o movimento dessas tendências do conhecimento.

O indeterminismo epistemológico

Epistemologia [...] esse termo terminou por designar, sobretudo na França, um esforço por extirpar das ciências todas as conexões com

outras disciplinas. Na perspectiva de um epistemólogo francês formado na escola de Gaston Bachelard (1884-1962), para poder chegar a ser verdadeiramente científica, uma ciência deve despojar-se pouco a pouco de toda aderência que ameace invalidar ou pervertê-la. [...] Mas, aos meus alunos, proponho recolocar a ideia de um corte entre as ciências e o resto da existência (separação que, como acabamos de ver, não faz justiça sequer aos acontecimentos míticos - pelas noções de desvio e composição. Tenho a pretensão, talvez um pouco exagerada, de que o curso sustente essas únicas duas noções. (Em outras palavras, poderei dizer ao modo de Arquímedes: 'Dê-me os conceitos de desvio e de composição e moverei o mundo') (LATOURET, 2016, p. 87)

Bachelard, em certa fase de seu pensamento, principalmente após 1953, defendeu que a ideia do indeterminismo, a partir da teoria microfísica de Heisenberg, demonstra que dentro da filosofia e da física, a aproximação é mais realista que o determinismo objetivo e instrumental. A crítica bachelardiana ao determinismo é a de que se trata de uma interpretação coisista de fenômenos, de modo a racionalizar todas as regiões do racionalismo a uma só determinação. A determinação é compreendida como relação entre razão e consequência como uma relação de dependência. Assim, por mais que a postura de Latour em relação à Bachelard seja ambígua, tal postura se justifica pelo próprio binômio *desvio/tradução* que ele faz da sua interpretação bachelardiana e em sua concepção epistemológica da indeterminação como *composição* das ciências em relação umas às outras.

Sabe-se que a concepção relacional presente na filosofia bachelardiana pressupõe uma construção mútua entre sujeito e objeto, num sentido em que a relação de dependência de ambos é o que definiria realmente a diferença entre determinismo e indeterminismo.

A interpretação determinista ou indeterminista de teorias quânticas é sempre o problema. Há argumentos para várias interpretações. É difícil decidir essa complexa questão. Além disso, ao nosso conhecimento, a questão permanece aberta para os próprios físicos. (VAZQUES, 1996, p. 70)

Nesse sentido, se procurarmos entender que Bachelard está fixado na ideia de que a matemática é uma forma de determinismo, encontramos uma ruptura interna de sua própria visão epistemológica na qual a solução é o próprio regionalismo da racionalidade e os domínios conceitualmente bem estruturados quase realistas. Ou seja, numa região científica que determinada teoria funciona, noutra pode ser totalmente

rejeitada. Nesse sentido, o grande fator determinante é a ação própria do sujeito, de modo que tal noção determinista é uma condição humana, já o indeterminismo parece ser uma condição da natureza microfísica.

Por esse pensamento, o próprio processo de ensino-aprendizagem também sofre, mesmo que indiretamente, uma transformação a partir das novas concepções de mundo que partiram da física quântica. É sabido que Bachelard costumava criticar os manuais didáticos de ciências da época pois eram um conjunto de regras decoradas e aplicadas. Para ele, tal movimento seria um obstáculo de uma ciência imóvel e separada da *rua* e do *campo*. Ou seja, a ideia de um mau laboratório educativo. Ainda segundo ele, a experiência da educação é também uma atitude relacional entre professor-aluno-mundo e nesse sentido, o mundo é a imagem do próprio laboratório.

Para Latour, apesar de Bachelard realizar um corte epistemológico necessário ao regionalizar a racionalidade, ainda assim, ele não foi capaz de sociologizar o conhecimento mesmo que a fenomenotécnica permitisse também tal iniciativa.

Ainda que Bachelard se mantenha preocupado com as rupturas epistêmicas, sua proposta da fenomenotécnica lançou nova luz sobre as discussões em filosofia das ciências e se mantém atual para os estudos sobre a técnica. Deste modo, entendemos que Latour use a ruptura bachelardiana como uma perspectiva contrária à sua proposta simétrica, tal como Bachelard o fez em sua filosofia do não com teorias do conhecimento que o precederam. Essa negação, contudo, aponta mais para um problema acerca da visão de história da ciência que Latour e Bachelard, de fato, não compartilham. (SOARES, 2017, p. 65)

Segundo Latour, é preciso reconhecer que Bachelard teve como mérito estabelecer que a ciência não é objetiva, mas sim projetiva. Desse modo, ao invés de objetos era preciso pensar sobre fatos, e, conseqüentemente, no contexto fenomenotécnico, de produzir fenômenos científicos colocados ao conhecimento num plano eterno de teorias reificadas. Logo, as teorias servem para que um *inscritor* intervenha na realidade por meio de aparelhos a partir de teorias já estabelecidas.

Logo, Latour considera que fatos e artefatos se relacionam no sentido etimológico do fazer científico. Na medida em que um fato é oriundo de uma entidade objetiva independente, isso pode gerar uma tensão entre o saber teórico e o saber criado ou fenomenotécnico. Tal fato, preocuparia Bachelard e os ditos sociólogos das ciências. Enquanto os sociólogos mais recentes defenderiam a tese de que a ciência é uma produção social, Bachelard tentou realizar a popularização ‘subjativa’ (enquanto

necessidade de uma psicanálise) das ciências por meio de sua prerrogativa de que a ciência deve ser apropriada como a estética da inteligência, ou seja, o gosto científico é fundamental para o desenvolvimento do espírito.

Contudo, segundo Latour,

A despeito desses sucessos, os fatos recusam-se a ser sociologizados. Parecem capazes de voltar a seu estado de exterioridade, escapando, assim, à tentativa de análise sociológica. Desse modo, o alcance de nossa microanálise dos fatos pode se contentar em ser temporária. É pouco verossímil que os leitores - e sobretudo os cientistas em atividade - adotem por muito tempo o ponto de vista de que os fatos são socialmente construídos. Eles terão pressa em voltar para a concepção de que os fatos existem e que seu ofício consiste precisamente em revelar a existência deles. (LATOURE, 1997, p. 191).

Portanto, Latour procura defender a ideia de que a microssociologia seria a solução epistemológica para a aplicação da ciência na sociedade. Um fato é uma realidade que está entre a correspondência do enunciado e a coisa objetiva, o caráter objetivo factual é a consequência de um trabalho científico. Isso nos leva a questão epistemológica que é apontada no contexto dessa comunicação como o que Latour defende em consonância com Hacking

Nas histórias da epistemologia (por exemplo, Bachelard, 1934), o argumento da eficácia é usado quando o argumento de realidade torna-se insustentável; os convencionalistas entram em cena (Poincaré, 1905) quando os realistas se desdizem (e vice-versa). O argumento que consiste em alegar o funcionamento de um fenômeno não é nem mais nem menos misterioso do que o da correspondência com a realidade. Neste sentido, a posição que adotamos aqui está tão distante do pragmatismo quanto do realismo ou do convencionalismo. (LATOURE, 1997, p. 200).

A questão que se coloca então é: como fazer uma filosofia das ciências fora dos paradigmas realistas, pragmatistas ou convencionalistas? Imanentemente é impossível, visto que o pluralismo metodológico dá abertura não só para o uso de todas essas tendências, mas também para a realidade de que nenhuma delas tem a supremacia sobre até mesmo os saberes mais ancestrais dos povos autóctones.

É a complexidade relacional que nos leva a esse dilema de assumir então o que o Latour considera como a evidência de que relativismo é uma realidade paradoxal para a complexidade da pós-modernidade. Bachelard parecia defender que se as rupturas entre

as teorias científicas não anulavam umas às outras, mas que geravam a necessidade de superação e ao mesmo tempo as regiões de uma racionalidade em que cada teoria tinha sua aplicação em uma determinada região, ele então teve uma abertura se não ao relativismo, evidentemente ao aspecto relacional das ciências.

No entanto, para Latour, tal iniciativa bachelardiana consistia num materialismo que somente dividia o científico do pré-científico e tal subdivisão impedia uma prática científica sociológica. Ou seja, tal materialização ou reificação insistia na importância da dimensão temporal da história epistemológica e nos deixava num campo agonístico de construção da realidade.

É aí que a teoria de Hacking parece harmonizar esses campos de tensão que vão do laboratório à sociedade. Hacking em seu livro *Ontologia histórica*, muito apoiado numa interpretação analítica foucaultiana, que não deixa de dar o devido crédito as bases dessa interpretação a partir da escola da filosofia da ciência francesa, representada principalmente por Bachelard e Canguilhem.

Primeiramente, vamos tentar esclarecer em que medida ele entende a relação entre palavras, conceitos e rupturas. Para ele, um conceito não passa de uma palavra. Nesse sentido, a palavra/conceito metaepistemologia seria a mais adequada para esclarecer atos realizados de um enunciado de frases com certa autoridade teórica. Uma mesma palavra, dependendo do contexto, pode exercer diferentes conceitos, aí que entram as rupturas como um movimento em corpos de conhecimento que fazem com que um conceito sobreviva ou não a um determinado paradigma. E nesse mesmo sentido que é necessário esclarecer epistemologicamente que há conceitos problemáticos e problemas persistentes dependendo da maneira em que um determinado problema é elaborado. É o que Bachelard já sinalizava como o fato de não existir problemas insolúveis, mas sim perguntas mal elaboradas.

Logo, a memória do conceito, em que sua gênese se remonta sempre a uma pergunta chave filosófica caminha na mesma via proposta por Bachelard de encarar a filosofia como uma terapia em que é possível entender os problemas assumindo a pré-história deles. Ou seja, o pré-científico nunca pode ser anulado de um contexto científico, logo, a própria sociologia, teria na antropologia o caráter pré-científico dos problemas hodiernos.

Ainda assim, Hacking assume uma posição na qual a

Análise filosófica é análise de conceitos. Conceitos são palavras em seus lugares. Os lugares incluem frases, proferidas ou transcritas, sempre em uma localização mais ampla de vizinhança, instituição, autoridade, linguagem. Caso se leve a sério o projeto de uma análise filosófica, faz-se necessária uma história das palavras em seus lugares, a fim de compreender um conceito. Mas não é a 'análise' uma decomposição em partes menores, átomos? Não totalmente (HACKING, 2009, p. 85).

Hacking entende que a importância da história dos conceitos é a maneira em que eles se dão num contexto de declarações políticas e regionais como condições de possibilidade das próprias ideias, e em nossa contemporaneidade, certas ideias de um contexto de um sujeito transcendental e duradouro não fazem mais o menor sentido a não ser enquanto essencialismos².

É certo que Hacking introduz nesse contexto epistemológico a ideia de um nominalismo que ele chama de dinâmico, ao que ele problematiza

Como poderia um nominalismo dinâmico afetar o conceito da pessoa individual? Uma das respostas diz respeito à possibilidade. Quem somos não é apenas o que fizemos, fazemos e faremos, mas também o que poderíamos ter feitos e podemos vir a fazer. Inventar pessoas altera o espaço de possibilidades para se ser uma pessoa. (HACKING, 2009, p. 123).

Mas o que Hacking quer dizer com essa ideia de nominalismo dinâmico como possibilidade de uma subjetividade já declarada morta pelo próprio Foucault? E qual o contexto científico que essa teoria pode ter para a relação entre ciência e educação como acontecimento social?

Para ele, o nominalismo dinâmico é uma doutrina em que seres humanos e seus atos coexistem na invenção de modo de nomeá-los. Para ele, tal formalidade é necessária para entender a relação científica no encaixe entre nomes e coisas nomeadas contornando especulações abstratas e nos levando à seriedade de uma filosofia que examina a origem das complexidades de fatos reais, tais como o suicídio, a

²Na citação a seguir, Bachelard mostra que a posição essencialista é na verdade uma tentativa extrínseca ao fato científico de uma dialética de número e fenômeno, essência e existência "Uma ideia é clara devido, à claridade mútua das ideias associadas. No próprio nível de uma ideia bem definida funciona, pois, uma espécie de caráter extravertido da definição. O essencialismo, numa filosofia da relação racional, é um extrínsequismo. Assim, a ideia isolada não é uma essência-cofre. [...] Nada há claro senão relações. Assim se agrega ao pensamento fenomenal, o pensamento normalizado - ao pensamento intuído, o pensamento retificado - ao pensamento existencial, o pensamento coexistencial." (BACHELARD, 1977, p. 44)

esquizofrenia e outra série de fatos cotidianos, como os problemas postos pelo feminismo ou pela política do parlamento das coisas, em termos mais latoureanos.

Eis aí que chegamos ao ponto central de nossa reflexão, onde queremos efetivamente chegar no caminho de que os fatos reais e o contexto de uma determinada epistemologia estão imersos de representação de complexidade de fatos reais, que por sua vez podem ser cientificamente humanizados, é o caso mesmo pelo qual,

Onde Bachelard insistia que considerações históricas são essenciais para a prática da epistemologia, o metaepistemologista histórica examina as trajetórias dos objetos que representam certos papéis no pensamento sobre o conhecimento e crença. (Isso poderia incluir a reflexão sobre o papel do próprio Bachelard na transformação do pensamento epistemológico). (HACKING, 2009, p. 22).

Nos parece que isso afeta justamente ao problema da razão, em que aparentemente todo o processo político que estamos passando está dentro das conjunturas das regras do pensamento que nos parece aplicável à proposta apresentada pela metaepistemologia.

Considerações Finais

Os fenomenólogos têm a impressão de ter ultrapassado Kant e Hegel e Marx, uma vez que não atribuem mais nenhuma essência nem ao sujeito puro nem ao objeto puro. Eles têm a impressão de falar apenas de mediação, sem que a mediação esteja ligada a polos. Entretanto, tudo o que fazem é desenhar um traço entre polos reduzidos a quase nada. Modernizadores inquietos, podem apenas estender a "consciência de alguma coisa" que é somente uma fina passarela sobre um abismo que aumenta aos poucos. Só podiam mesmo rachar. E racharam. Na mesma época, a obra dupla de Bachelard, exagerando ainda mais a objetividade das ciências às custas de rupturas com o senso comum, e exagerando simetricamente a potência sem objeto do imaginário às custas de rupturas epistemológicas, representa o próprio símbolo desta crise impossível, deste esfacelamento. (LATOUR, 1994, p. 58)

A encruzilhada epistemológica pode ser entendida assim como os caminhos gerados de uma ruptura enquanto corte transversal das concepções de ciência, talvez tal ruptura tenha raiz na própria relação entre potência e ato na ciência, a potência sem objeto do senso comum, que é a imaginação, o ato da objetividade permeada por mediações que alteram o objeto só pela sua objetificação.

Após expormos a encruzilhada epistemológica desse trílogo e a constelação provocada principalmente por Hacking, pretendemos agora apresentar nossa conclusão a partir do ponto de vista crítico acerca do próprio nominalismo dinâmico. Nesse sentido, contrapondo a tendência hackingeana, segundo o artigo de Anastasios Brenner, há uma aberração que pode ser entendida a partir do próprio caráter heterotópico de ler um pensamento epistemológico num nominalismo dinâmico, desde que fora de seu contexto e fronteiras históricas. Nesse sentido, a atualidade de Bachelard parece ter um certo sentido metaepistemológico, tanto que,

Além disso, é paradoxal parar de ler Bachelard nos nossos anos, ao mesmo tempo que ele começa a ser um estudo aprofundado no exterior. Pelo interesse inegavelmente que Bachelard e sua escola foi recentemente acentuado no outro lado do Atlântico (BRENNER, 2006, p. 120).

Desse modo, gostaríamos de expor de uma maneira mais profunda que o problema para metaepistemológico é muito maior do que a aparente solução nominalista proposta pelo próprio Hacking.

Também é necessário para compreender a posição de Bachelard, no que se relata alguma atitude em relação à lógica, o que tem lugar no final do século XIX. Ao combinar corajosamente o nominalismo dinâmico e o realismo dialético, Hacking permite também relatar o que Bachelard teve com os seus predecessores imediatos. O realismo de Bachelard não se opôs diretamente ao idealismo, mas, mais tipicamente, ao nominalismo. Dando a incompreensão de alguns comentaristas americanos: a posição de Bachelard não corresponde ao que é normalmente significado pelo realismo científico. Bachelard reagiu ao debate entre nominalismo e realismo que abalou filosofia francesa em torno dos séculos XIX e XX. Certamente estava operando uma reversão em favor do realismo, mas não sem tomar emprestado elementos de seus predecessores. Nota-se em Le Roy que a escolha de uma filosofia de ação, é a declaração de resistência de coisas para as nossas categorias e a concepção do instrumento como uma teoria materializada. (BRENNER, 2006, p. 125).

Assim, após essa crítica de Brenner, vemos que a encruzilhada nos parece mais complexa e para isso, vamos assumir novamente a *filosofia do não* e tentar voltar a Hacking numa resposta que ele possa ter por meio dos seus comentários ao próprio Latour. Para Hacking, Latour compartilha um lado em que a análise da natureza tem que tomar parte no desenvolvimento das crenças sobre ela. Contudo, segundo Hacking, Latour tende a cair numa espécie de humanismo por meio de sua cosmopolítica. Ele

acredita que na verdade a visão etnográfica de um laboratório científico fez com que Latour fizesse uma condução histórica onde,

Em acontecimentos, em verdade, recentes. [...] As conclusões de Latour [...] estão baseadas em um conhecimento efetivo muito sério das próprias ciências em relação às quais eles são, em certo sentido, céticos. O nominalismo de autores como esse é combinado com um alto nível de facticidade (ou será apenas pura curiosidade?) (HACKING, 2009, p. 82).

Desse modo, Hacking pretende salvar sua reflexão nominalista encontrando Latour com uma aliança ao racionalismo dentro de uma microsociologiametamoral em que importa mais a formação social do que a pessoal do conceito. Tal intento, contudo, parece estar mais de acordo com o paradigma foucaultiano que busca a explicação da história do presente no conjunto de uma análise de conceitos, que não precisa ser propriamente filosófica. Portanto, tal caminho parece ter uma via de abandono antropológico no qual não se leva em conta o próprio parlamento das *palavras e das coisas*.

Nesse sentido, conclui Hacking que “a planejada antropologia das ciências de Latour é profundamente anti-inatista e antiuniversalista” (HACKING, 2009, p. 218), ele faz essa leitura contrapondo basicamente a antropologia de jogos de Wittgenstein, que apesar de estabelecer como diferentes ideologias ou doutrinas coexistem e se chocam, visto que necessitam de regras próprias para existirem. Ao que parece, Hacking pretende colocar Latour em sua mesma região epistemológica para salvá-lo de mais uma encruzilhada que não se define como humanista ou não. Já a nossa região, tem como interface que,

O que de fato é a ciência e que a história da ciência possa ser tomada, de acordo com a feliz expressão de Canguilhem, como "o laboratório da epistemologia", nada disso é levado em conta pelos epistemólogos. A ciência, para eles, não é um campo de provas das idéias epistemológicas, não é uma diferença, mas a duplicação, o reflexo da epistemologia. Assim, na história subsequente será feito todo um esforço para investigar a base metodológica da ciência. Aqui, dois pontos se evidenciam. De um lado, é inevitável que a epistemologia dê seguimento ao seu projeto de mostrar sob que condições a ciência é Verdade, episteme, conhecimento fundamentado. Isto desembocará, na filosofia contemporânea, no projeto do empirismo lógico. De outro lado, tanto mais este processo se desenrola, se articula, tanto mais a ciência é perdida como objeto. A ciência, aventura epistemológica complexa e multifacetada, não se deixa reduzir a este enquadramento que constitui o cerne da epistemologia moderna. E isto não é dito a partir de algum nominalismo, defensor da singularidade e da irracionalidade do empreendimento científico. (FENATI, 1991, p. ,212).

Por fim, entendemos que tal desfecho longe de solucionar a encruzilhada, volta a nos dar uma saída bachelardiana na medida em que saímos do dilema temporal das ciências e adentramos na espacialidade meta-ontológica em que o próprio obstáculo metafísico do que é a melhor teoria é substituído com ‘o que há?’ em suas co-existencialidades e se há uma quase realidade que seja, ela não pode ser simplesmente um nome, mas um conjunto de interfaces em que os espaços das possibilidades da pessoa é também meta-epistemológico, por mais que não possa ser psicologizante. É aí que importa novamente voltar à relação de Latour e o erro de Bachelard, principalmente na relação pedagógica entre o laboratório, subjetividade e a técnica.

Para Bachelard, o laboratório moderno é isolado da vida íntima, distanciado dos valores morais da vida comum, pois pressupõe uma técnica distinta, valores diferentes da dicotomia entre bem e mal. Aqui a técnica é entendida tanto como método quanto como instrumento. De modo que uma hipótese ou uma abstração matemática também são, na perspectiva bachelardiana, técnicas. Em resumo, a ciência moderna não pode ser vista dissociada da técnica (SOARES, 2017, p. 63).

Contudo, o que é a técnica senão a própria estrutura arrasadora que esquece que o sujeito produz a realidade e faz com que o objeto produza o parlamento das coisas? Como Bachelard já havia percebido, tal obstáculo se sobressai na constatação de que seu papel na história epistemológica abre espaço para novas reflexões da ciência abstrata-concreta relacionada a física ou mesmo para os espaços imaginários, simbólicos e metapolíticos. Ao que parece, a relação entre poder, conhecimento e ideologia apresentada pela metaepistemologia de Hacking realmente consegue subsistir como mais uma região do pensamento, na qual, obviamente o nominalismo beira o irracionalismo.

Entretanto, Latour define bem a situação com o parlamento das coisas, ou seja, a realidade antropotécnica chegou a um ponto em que as coisas definem nossas decisões/ações, uma vez que a realidade tenda a uma multipolarização política e ideológica. “Não vou tão longe quanto Bruno Latour (1993), a defender um parlamento das coisas. Ponho em dúvida sua intenção de minimizar as diferenças entre o que é humano e o que não é.” (HACKING, 2009, p. 29). Tal constatação seria perceber o caráter epistemológico e multi-ideológico que a política das ciências deve tomar, mas como não deixar que essa multi-ideologia se torne objetificante?

A objetificação se volta ao sentido alienador de bancadas do parlamento das coisas ao acreditar que o verdadeiro processo educativo pode partir do objetificar e perceber que sujeito e objeto são relacionais, que se constroem mutuamente a partir de seu reconhecimento no mesmo. Ou seja, o sujeito constrói o seu objeto na medida que o objeto constrói o sujeito, mas a reação que estamos vivendo é muito mais unilateral nesse parlamento das coisas em que o objeto está construindo os sujeitos e isso não é nem sequer um nominalismo dinâmico. Nesse sentido, de uma desconstrução metaepistemológica da trans-história do saber, é preciso lembrar que nossa epistemologia deve versar sobre “o que aconteceu, o que está acontecendo e o que acontecerá?” como desafio subjetivo da educação que trans-vê a realidade, e que escolhe, por fim, o seu caminho na encruzilhada epistemológica, que se coloca como um x de duas linhas cruzadas e divididas em quatro caminhos, na primeira linha temos o realismo e o racionalismo, na segunda o nominalismo e o relativismo e no centro o irracionalismo. Para finalizar, numa paródia hegeliana, no pensamento bachelardiano “o real é o irracional”, portanto “o irreal é o racional”.

Referências

BACHELARD, G. *O racionalismo Aplicado*. Trad. Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

_____. *O novo espírito científico*. Coleção Os pensadores. Trad. Joaquim José Moura Ramos. São Paulo: Abril Culturas, 1978.

BRENNER, A. Quelle épistémologie historique ? Kuhn, Feyerabend, Hacking et l'école bachelardienne. *Revue de Métaphysique et de Morale*, No. 1, Philosophie des XVI e et XVII e siècles. PressesUniversitaires, 2006 pp. 113-125

FENATI, R. Bachelard e a epistemologia clássica. *Síntese nova fase*. Belo Horizonte: UFMG, V. 18 n. 53 (1991): 201-213.

HACKING, I. *Ontologia histórica*. Trad. Leila Mendes. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2009.

LATOURET, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia simétrica*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1991.

_____. *Cogitamus – seis cartas sobre as humanidades científicas*. São Paulo, Editora 34, 2016.

LATOURET, B.; WOLGAR, S. *A vida de laboratório - A produção dos fatos científicos*. Trad. de Angela Ramalho Vianna. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1997.

SOARES, M. H. *O aspecto social das ciências e a defesa da educação: Uma leitura contemporânea da epistemologia histórica de Gaston Bachelard*. *Revista Em Construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciências*. Ano 1 N. 1: UERJ, 2017, pp. 51 - 68.

TILES, M. *Bachelard: Science and objectivity*. EUA: Cambridge University Press, 2006.

VÁZQUEZ TORRES, J. *Bachelard et Hartmann: De L'Epistemologie a L'Ontologie*.
Thèse de Doctorat em Philosophie. Ecole de Hautes Etudes em Sciences Sociales. Paris:
École de Hautes Études Sociales, 1996. 324pp.

Recebido em: 01/10/2018
Aprovado em: 17/12/2018